



Nº 7 Ano III
Abril de 2022

Nunca se pergunta a uma criança indígena o que ela vai ser quando crescer. É uma pergunta retórica, mas implica também numa concepção de futuro e de desenvolvimento e sucesso na vida, e isso às vezes faz com que a criança perca o referencial que ela precisa ter enquanto criança.

Daniel Munduruku

Infâncias em foco

Educação Indígena como forma de luta e resistência

Os dados do Censo Demográfico de 2010 contabilizaram 896 mil pessoas que se declararam indígenas. Segundo dados da UNICEF, um terço da população indígena é formado por crianças.

O Censo de 2010 também registrou a taxa de alfabetização das pessoas indígenas de 15 anos ou mais de idade em 32,3%, portanto abaixo da média nacional que era de 90,4%, o que já evidenciava a necessidade da expansão das políticas públicas na área da educação indígena.

Em 2020, para subsidiar as ações de enfrentamento da Covid-19 do Ministério da Saúde, o IBGE fez um estudo estimativo, "Dimensionamento Emergencial de População Residente em Áreas Indígenas e Quilombolas para Ações de Enfrentamento à Pandemia Provocada pelo Coronavírus", que produziu um conjunto de informações atualizadas sobre o território brasileiro. O estudo dimensionou a população residente em áreas indígenas em 1.108.970 pessoas, presentes em todas as unidades federativas do país.



Fonte: Pequeno Curumim (<http://pequenocurumim.blogspot.com/2016/06/as-criancas-indigenas.html>)

Apesar do crescimento no número de matrículas e de instituições e dos avanços nos textos políticos e na legislação, dados do Censo Escolar 2020 do INEP continuam revelando as precárias condições de funcionamento das escolas indígenas: 69,1% não têm energia elétrica, 37,3% não possuem água potável e 43,1% não



Fonte: Instituto Xapuri Socioambiental (<https://www.xapuri.info/home/brincar-e-resistir-descubra-como-criancas-indigenas-se-divertem/>)

tem banheiros. Além de infraestrutura básica, 78,6% não têm acesso à internet e 89,4% não possuem uma biblioteca.

A Educação Escolar Indígena é assegurada pela Constituição Federal Brasileira de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) e deve garantir às comunidades indígenas o direito à educação diferenciada, específica e bilingue.



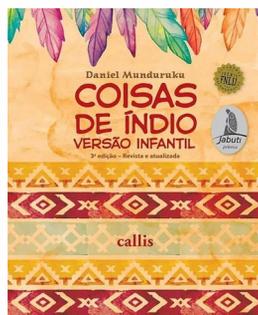
Fonte: Portal Amazônia (<https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-brincadeiras-e-jogos-de-diferentes-povos-indigenas>)

As reivindicações das organizações indígenas e indigenistas pelo reconhecimento de seus direitos, especificamente, ao acesso a uma educação formal diferenciada proporcionada pelo ensino indígena fazem parte das estratégias de luta e resistência com a função social de defesa da comunidade.

Leia mais em:
IBGE (<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101859.pdf>)
INEP (https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf)
UNICEF (<https://www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil>)

Cantinho da Leitura

Título: Coisas de Índio
Ano: 2015
Editora: Callis
Autor: Daniel Munduruku
Ilustração: Daniel Munduruku, Yaguaré Saterê Mawé, Siridiwê Xavante e Ionit Zilberman



O escritor Daniel Munduruku é um dos grandes pensadores e difusores da cultura indígena no Brasil. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, ele é autor de mais de 50 livros publicados no Brasil e no exterior. A maior parte da sua obra é voltada para o público infanto-juvenil. Entre seus livros, Coisas de Índio ganhou o Prêmio Jabuti, em versão infantil.

O livro apresenta um panorama das diferentes comunidades indígenas, situando o leitor com relação aos locais onde vivem, sua arte e cultura, a alimentação, a medicina e como trabalham.

Daniel usa a expressão "coisas de índio", que é comumente utilizada com valor negativo, para discutir a sociedade capitalista e propor um olhar diferenciado sobre a pedagogia de transmissão de saberes, a partir das ideias "da repartição, do coletivismo, de trabalhar em conjunto, de manter o território como um bem comum e nunca como um bem individual, saindo dessa ideia de propriedade privada e tudo mais, que é a grande mola propulsora do capitalismo". Para o autor, somos massificados por ideias equivocadas, preconceitos e atitudes racistas e a literatura para as crianças pode oferecer outras narrativas, permitindo que as crianças possam aprender outras visões de mundo, humanizar-se e construir o país que tenha lugar e paz pra todos!

Segundo Daniel, o nosso processo pedagógico precisa criar um olhar diferenciado que seja "uma pedagogia nascida da nossa própria terra, da nossa própria origem, e os povos indígenas tem essa pedagogia há dois mil anos. Aquilo que o Darcy Ribeiro chamava de socialismo moreno. Daí a importância de a gente pensar uma pedagogia a partir das experiências vividas no nosso próprio território brasileiro.

(Leia mais na entrevista a Pedro Stropasolas do Brasil de Fato, em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/17/daniel-munduruku-os-povos-indigenas-sao-ultima-reserva-moral-dentro-desse-sistema>)

Agenda de Eventos

XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias

Local: UERJ/RJ - Semipresencial **Data:** 4 a 7 de julho

Informações: http://www.seminarioredes.com.br/index.php?page=ficha_insc.php#

Equipe editorial:

Edição de texto: Patrícia Simões

Diagramação: Patrícia Simões

Revisão: Juceli Bengert

Coordenação: Patrícia Simões e Juceli Bengert.

Livre Brincar

Na página eletrônica do Instituto Xapuri Socioambiental, encontramos descrições de algumas das brincadeiras que são vivenciadas por crianças e adultos indígenas e trouxemos nesse boletim para os nossos leitores:

Heiné Kuputisü (Corrida do Saci) - corrida de uma perna só, popular entre os Kalapalo, do Alto Xingu (Pará). Participam adultos e crianças e acontece no centro da aldeia. É só marcar no chão uma linha de partida e outra de chegada e começar a diversão. Ganha quem for mais longe sem usar os dois pés.

Arranca Mandioca - É uma brincadeira dos Guarani e dos Xavante. Em fila, a primeira criança agarra uma árvore e as outras se seguram às crianças da frente. Uma delas deve "arrancar" as mandiocas – que são os próprios jogadores. Vale usar força, puxar pelas pernas e até fazer cócegas. No cerrado, região onde vivem os Xavante, meninos e meninas conhecem essa brincadeira com o nome de "tatu".

Peteca - Entre os Xavante, seu nome é tobdaé. Mangá é o nome dado pelos Guarani a esse brinquedo. O brinquedo é feito de palha de milho e a brincadeira lembra a popular queimada. Ao mesmo tempo em que o jogador faz seus lançamentos, ele precisa fugir dos arremessos do adversário para não ser queimado.

Gavião e Passarinhos - Uma das crianças, o "gavião", sai à caça das demais, os "passarinhos", que correm, assobiam e tentam distraí-lo. Para se proteger e descansar, os passarinhos param nos galhos de uma árvore desenhada no chão. O último que escapar vira o novo gavião!

Perna de pau - Nas aldeias, é só pegar na mata troncos altos e retos com forquilhas nas pontas, onde se apoia o pé. Em casa, dá pra repetir a brincadeira prendendo estacas de madeira em dois pedaços de pau. O desafio é ver quem consegue ir mais longe sem cair!

Futebol de cabeça - É uma espécie de jogo de futebol, mas ao invés de usar os pés, é preciso usar a cabeça para dar os chutes, fazer os passes e marcar os gols! É muito praticado pelos Paresi e pelos Enawene-nawe.

(Leia mais: <https://www.xapuri.info/home/brincar-e-resistir-descubra-como-criancas-indigenas-se-divertem/>)

Calendário GPIEDUC

Abril

4, 11, 18 e 25 – Reuniões semanais

Maiο

02, 09, 16, 23 3 30 – Reuniões semanais

Formato remoto: Plataforma Google Meet

Link de acesso: (<https://meet.google.com/hgw-hdxd-fii>)

Organização:



Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades

Apoio:

